

da filosofia do progresso

natalia montebello *

Primeira carta

Praga, um gelado fim de tarde de janeiro de 1904, e o jovem Franz, então com vinte anos, escreve a seu amigo Oskar sobre a leitura, uma atividade para ele vital, nessa sua vida solitária. Para o jovem e solitário Franz, a leitura não é uma saída ou um efeito da solidão: ele lê avidamente, compra livros avidamente. Sua vida, frugal e singela em tantos aspectos, torna-se exuberante quando se trata de livros. Ao ler não está só, não está doente. Franz gosta de ler Goethe, Thomas Mann, Hermann Hesse, Dickens, Flaubert, Kierkegaard, Dostoievski. Desde a infância, e por toda sua vida, lerá contos de fadas. Enfim, Franz quer prolongar, nesta carta, uma conversa que tivera com Oskar alguns dias atrás, e lhe escreve: “De modo geral, penso que só devemos ler livros que nos mordam e nos aguilhoem. Se o livro que estamos lendo não nos desperta numa sacudidela, como uma pancada na cabeça, para que perder tempo em lê-lo? (...) Para que nos faça felizes, como diz você? Deus meu, ficaríamos igualmente felizes se não tivéssemos livro algum; os livros que nos tornam felizes, nós mes-

* Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisadora no Nu-Sol.

mos poderíamos escrevê-los. Precisamos é de livros que nos atinjam como um infortúnio extremamente doloroso, como a morte de alguém a quem amássemos mais do que a nós mesmos, que nos façam sentir como se tivéssemos sido desterrados para os bosques, para longe de qualquer presença humana, como um suicídio. Um livro deve ser o machado com que se rompe o mar congelado dentro de nós. É nisso que acredito.”¹

Da sua janela, Kafka desenhava com o dedo dois ou três círculos no ar. Sua vida toda, dizia, tinha transcorrido nesses círculos. Sua vida toda, e mais um mês: quarenta e um anos. De qualquer maneira, viver depois dos quarenta, como lera nas memórias de outro funcionário público, é indecente. Que seja! Alguns círculos da janela, pouco mais de quarenta anos: há vida onde não há tempo ou espaço. O que percebemos em Kafka leitor não é uma saída para a doença ou a tristeza ou a solidão: é um confronto com a dor e com a morte. Ler, só para romper o mar congelado dentro de nós. Livros não devem ensinar-nos a viver, devem desterrar-nos, como um suicídio. Para que ler? Se quisermos encontrar a felicidade, nos diz Kafka, então que cada um escreva seus próprios livros; livros não resolvem nossos problemas. Então, de novo, para que ler? Certamente não resolveremos o mundo, assim como não resolveremos a nossa própria vida, mas talvez mordidas e agulhoadas nos incomodem o suficiente como para abandonar a boa intenção, a magnificência, de querer salvar a humanidade — não sei do quê. Essa história tão antiga: as grandes idéias, as grandes gestas, campanhas, projetos, sistemas, teorias. Tudo em nome da felicidade.

Interessa-me, por ora, a leitura, não leitores atrás de soluções, leitores caçadores de fórmulas. Leitores explicativos, interpretativos, leitores etcétera. A leitura de Kafka não desperta uma consciência, mas morde,

pica, arranha num corpo. Mas poderíamos pensar que existem livros que foram escritos para nos ensinar a viver, livros que nos prometem a felicidade — na mesma medida em que nos avisam sobre a desgraça. E existem leitores para eles — e seguramente esses leitores escrevem e continuarão a escrever justamente esses livros —, e existem tantas outras coisas. Interessa-me, porém, a leitura-suicídio de Kafka, os livros que corram. Mais ainda, escritos inconformados. E claro que não falo dos livros, nem me interessa uma crítica literária neste sentido; falo de minha leitura, e nada de neutralidade axiológica. Lê-se um livro porque ele se circunscreve a uma época ou lugar? Lê-se um livro no seu departamento histórico e teórico? Deixando-o lá, no seu lugar? Para conhecer as épocas e seus relatos? Lemos livros, ou lemos retalhos — ou frangalhos — da história das idéias?

Não sei se há textos que nos impõem um tempo ou um lugar, ou um caminho e sua chegada — ou mesmo desvios, que são outros caminhos. Parece-me que não devemos menosprezar o leitor e, talvez, na maior parte das vezes, leituras assim resultam de leitores empenhados em solucionar qualquer coisa: suas próprias vidas, a humanidade, tanto faz. Sei que há textos que dificilmente podem ser lidos como fórmulas para a felicidade, e sempre me surpreende algum comentário sobre eles neste sentido. Sei de vários, mas não é de todos eles que quero falar aqui.

Outras cartas

Por exemplo, definir um livro como anarquista porque nele se ensina a viver sem governo, me parece, no mínimo, um comentário descuidado e sem a menor importância. Já a intenção ou a necessidade de definir um livro como anarquista me parece alguma coisa bas-

tante complicada, assim como a necessidade de definir o anarquismo. Enfim, definir, a necessidade de definir, exige sérias considerações, que sempre me levam ao problema da conceituação e das teorias. Digo que *definir* não é o tipo de verbo que dá conta nem do pensar nem da anarquia. A própria palavra *anarquismo* não resume nem o pensar nem a anarquia, ou melhor, resume, mas talvez apenas isto. Para aqueles que se conformam com uma palavra, não há o menor problema na catalogação, e não que esta resguarde um erro — do tipo “será que este livro é realmente um livro anarquista?” —, mas não há problema porque a catalogação resguarda um cômodo ponto final.

Bem, e se o anarquismo se resume a alguns livros e outro tanto de anedotas, todos mais ou menos românticos, mais ou menos humanistas, então não há necessidade alguma de pensá-lo, e a memória, a famosa memória coletiva, se encarregaria do álbum de recordações. Não diria que um texto é anarquista, mas que há anarquia nele, quando, longe de me mostrar o caminho da felicidade, ele me incomoda até romper meu próprio mar congelado. E diria que essa anarquia não se explica ou se define em nenhuma geografia teórica.

Para quê ler os chamados livros anarquistas? não para salvar a humanidade, não para descrever como o mundo poderia ser perfeito. Para quê? Não se trata disto: o anarquismo — uso a palavra para não me demorar mais em considerações — não nos ensina a viver. Lê-se um livro destes como um golpe no crânio, a menos que, ao ler, exista o interesse de pacificar as épocas passadas e tomar notas para desvendar as próximas, e daí tanto faz se o livro é anarquista ou o que for, depende só do gosto do leitor.

Para ser atingido por uma leitura, não há outro momento que não o presente. E a história deve deslizar-se para a superfície, não para desaparecer, mas para tor-

nar-se ferramenta, e deixar de ser santuário. Quase quarenta e um anos ou o século XIX: não são caixinhas de cristal, mas movimento, tempos de superfície, no qual combinamos idéias, tempos que nos atingem com suas palavras, mas que também atingimos, ao combinar idéias e palavras de outras maneiras, porque a nossa vontade assim o quer, porque pensamos. Assim como Praga ou Paris, ou tantos lugares, são lugares que visitamos, que reconhecemos entre as palavras, mas que são círculos que fazemos no ar.

Outras leituras: em carta a Villaumé, de janeiro de 1856, descreve Proudhon o resultado de suas leituras, entre 1839 e 1852, sobre as idéias, seu significado e seu alcance: "(...) encontrei quase em tudo e por tudo, que nem as teorias estão de acordo com seus próprios elementos, nem as instituições em harmonia com seu objeto e seus fins, nem os autores com suficientes dados, nem com suficiente independência e lógica."². Proudhon inventa seu olhar: o olhar, de uma maneira geral, perece-lhe estático, falta ao olhar, ao pensamento, a noção de movimento. O movimento ele imprime no pensamento com a noção de progresso. Mas a palavra progresso nos parece uma daquelas palavras tão carregadas de sentido, tão pesadas, que seguramente não deveríamos nos dar o trabalho de pensá-la, a não ser para erguer alguma estátua. Enfim, nada mais apresado do que ver numa palavra uma época, um sistema, um sentido. Não se trata de novas estátuas: não me detenho na palavra para encontrar e desvendar mistérios, numa suposta profundidade, mas para evitar a pressa de nossa tão contemporânea leitura de acumulação e catalogação.

Certo: falar de progresso, quanto mais de filosofia do progresso, findo o século XX, pode sugerir muito mais um saudosismo inconseqüente do que qualquer interesse no pensamento, em sua força, que está em seu

movimento. Relutei em escrever estas linhas justamente por não raro suspeitar a necessidade de um esforço titânico na intenção de dimensionar, na atualidade de um pensar radical, uma palavra que está mais próxima, a primeira vista, do passado que ela resguarda do que de alguma possibilidade de vida ou significado no presente. Pior ainda: meu receio dirigia-se também à possibilidade de provocar um significado presente a partir da simbologia que hoje descreve, como em um museu a céu aberto, não mais do que a cristalização do grande sentido da palavra no século XIX.

O símbolo: o trem, a estrada de ferro. O sentido cristalizado: o caminho certo, se dentro dos trilhos, da humanidade em direção ao seu aperfeiçoamento, a estágios cada vez mais superiores do que pode ser entendido como evolução social. Os séculos XVIII e XIX nos brindaram fartamente estas teses, deste ou daquele ponto de vista, e considero que o humanismo que as inspira as distingue, no máximo, em nome da boa intenção que leituras bem-intencionadas possam desenterrar nelas.

Se meu interesse fosse mostrar, num museu a página aberta, o sentido da palavra para reviver, por algumas linhas, o símbolo, certamente este texto reclamaria por um cuidado ritualístico em relação à história e à teoria. E não haveria o receio de provocar significados quaisquer, já que estaria descrevendo uma figura, concentrando-me em suas formas, suas cores, sem mais, no mais puro rigor da observação plástica. Enfim, depois de duvidar sobre como escrever sobre as idéias deste livro, gostaria de escrever um pouco sobre a leitura a que ele me leva, que ele me provoca.

Ao ler as duas cartas que compõem a edição aqui referida da *Filosofia do Progresso*³, uma de 1851 e a outra de 1861, não estou interessada em preservá-las, no formol da história das idéias, para a posteridade.

Proudhon se interessa pelo movimento das idéias, movimento de pensar que é condição *sine qua non* do pensamento afirmativo de liberdade, este também como ponto de vista crítico, não só de relações absolutistas mas, também, e ao mesmo tempo, do absolutismo do próprio pensamento, que adormece as vontades, mesmo que sempre em nome do bem e da felicidade geral. A noção de movimento em Proudhon nos distancia tanto de afirmações categóricas acerca da verdade quanto nos aproxima da noção de série, um pensar que não exige de nós nem teorias, nem épocas, nem símbolos, nem sentidos históricos. A série é uma intencionalidade de pensamento que mostra apenas combinações possíveis de unidades, segundo pontos de vista. Não há totalidade, não há nada a ser preservado.

Assim, detenho-me aqui na palavra progresso: “(..) é a afirmação do movimento universal e por conseqüência a negação de toda forma e de toda fórmula imutáveis, de toda doutrina de eternidade, de imobilidade, de impecabilidade, etc., aplicada a um ser qualquer; de toda ordem permanente, sem excetuar nem mesmo a do universo; de todo sujeito ou objeto, empírico ou transcendental, que não seja suscetível de mudança”. Ao investir numa filosofia do progresso, Proudhon despreza um pensar que prescinde “(...) do eterno, do imutável, do perfeito, do definitivo, do não suscetível de transformação, do indiviso (...)”, daquilo que é, “(...) o *status quo* em tudo e por tudo.”⁴

Se relacionada à lógica, a noção de progresso, diz Proudhon, refere-se à noção de série. Série: formam-se séries ao libertar o pensamento de categorias absolutistas, de conceitos ou de vetores, do tempo e do espaço. A série reclama nosso olhar, nossa história: quem combina as unidades não desaparece pelo esforço, ingênuo esforço, da neutralidade. A noção de movimento dissolve, como filosofia do progresso, a separação entre

vida e pensar. Proudhon pensa o pensamento como a vida, como transformação constante, imprevisível. Qual a qualidade deste pensar? Pensa-se o presente.

Tentar definir o anarquismo parece-me apenas um gesto daquilo que, umas quantas linhas atrás, me provocava receio: aprisionar idéias em datas ou em teorias. Descrivê-lo em sua multiplicidade é uma interessante cartografia que cabe a muitos, em diferentes lugares e momentos; interessante porém titânica (agora sim), se o que se pretende é dar conta de toda sua extensão — diria que impossível, se considero, como prefiro considerar, esta extensão como movimento constante. Como pensar, há uma anarquia que reúne o pensamento com a vida, que dá ao pensar a força das vidas que o pensam, e às vidas um pensamento que não as preserva, que não as ensina a viver, nem as torna felizes, e assim inventa olhares libertários.

Ao ler a *Filosofia do Progresso*, pouco me importa, a pertinência da metáfora do trem, ou coisa que o valha, leio o anarquismo como idéias que nos aguilhoam. De qualquer maneira, leituras são sempre possíveis: nisto, é claro, também não há recomendação. Trata-se de um ponto de vista. Prefiro ler em Proudhon e sua filosofia do progresso uma problemática sobre o pensamento, que nos incita a pensar em “ismos” e outras definições como superfícies nas quais podemos combinar idéias em movimento, movimentando séries para perpassar dúvidas com incômodos, nunca com certezas. Mesmo assim, pensar e anarquia continuam em movimento, sem explicações.

Notas

¹ Ernst Pawel. *O pesadelo da razão: uma biografia de Franz Kafka*. Rio de Janeiro, Imago, 1986, p. 156

² Nesta carta, Proudhon retoma sua famosa afirmação: *a propriedade é um roubo*. Quer responder a Villaumé que, ao escrever seu *Novo tratado de Economia Política*, interrogara-o a respeito do que considerava sua proximidade oscilante do socialismo e seu incongruente distanciamento do comunismo. A leitura de *O que é a propriedade?* parece-me fundamental para entender os efeitos, no pensar econômico, da noção de movimento, ou da analítica proudhoniana como pensar em movimento. Pierre-Joseph Proudhon. *Filosofia del progresso*. Madrid, Libreria de Alfonso Darán, s/d, p. 134.

³ Idem, p. 24.

⁴ Ibidem, p. 24.

RESUMO

O artigo sinaliza possíveis problematizações sobre a noção de progresso, tendo por ponto de vista o pensar de Proudhon e impressões sobre a leitura, para afirmar a palavra, prescindindo de confinamentos históricos e ideológicos.

ABSTRACT

This article presents possible critical understandings on the notion of progress, based on Proudhon's thought and on impressions from his writings, in order to assert the word, without historical and ideological confinements.